

# A INFLUÊNCIA DO FEMINISMO NA ESCOLHA DAS MULHERES POR CARREIRAS TRADICIONALMENTE MASCULINAS

Ângela Cristina Parente de Resende Reis  
ang\_res25@hotmail.com  
UGB

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo compreender de que forma o feminismo e seus desdobramentos, influenciaram ou não, na opção das mulheres estudantes da Faculdade de Engenharia (UFF) de Volta Redonda, bem como analisar o porquê da escolha de tal carreira que é culturalmente caracterizada como masculina. Desenvolveu-se inicialmente uma pesquisa bibliográfica. Uma investigação empírica de orientação quantitativa também foi realizada junto a 41 estudantes dos Cursos de Engenharia da Universidade Federal Fluminense em Volta Redonda para averiguar tais questões. Os resultados dessa investigação apontam para algumas mudanças na realidade das mulheres que optam por adentrar no universo das carreiras culturalmente definidas como masculinas.

**Palavras Chave:** Feminismo - profissões - mulheres - masculinas - quantitativa



## INTRODUÇÃO

Historicamente as mulheres foram afastadas dos círculos criativos e das lideranças nas produções científicas e tecnológicas. Isso acabou limitando sua atuação fora da esfera privada da casa e foi, séculos após séculos, evidenciada em sua ausência em carreiras como física, química, biologia, matemática e engenharia.

O presente artigo tem como objeto de estudo a escolha das mulheres na atualidade, por carreiras culturalmente definidas como masculinas. Em especial, serão analisadas as escolhas das alunas que frequentam o curso de Engenharia da Universidade Federal Fluminense, localizada em Volta Redonda.

Em complementação, pretende-se analisar pesquisas e estudos que tratam da inserção e ascensão feminina nesse mercado antes reservado aos homens, já que as mulheres vêm conquistando cada vez mais espaço na esfera produtiva.

O movimento feminista das últimas décadas veio dar um significativo impulso às pesquisas sobre a mulher e seu posicionamento no mundo contemporâneo, trazendo uma série de questionamentos sobre o seu papel na sociedade e no mercado de trabalho.

A partir dessa constatação, faz-se necessário investigar o crescente ingresso das mulheres no mercado de trabalho, em carreiras tradicionalmente definidas como masculinas, como por exemplo, a engenharia.

Atualmente as mulheres estão ocupando postos nos Tribunais Superiores, nos Ministérios, no topo de grandes empresas, em organizações de pesquisa de tecnologia de ponta, perfuram poços de petróleo e aumentam cada vez mais a sua participação em um ambiente antes dominado totalmente pelos valores masculinos.

Ainda assim, o que precisa ser pensado é que o mais comum dos impedimentos ao ingresso e à permanência das mulheres nas empresas, isto é, a não consideração ou a depreciação dos esforços e conquistas profissionais das mulheres é a desqualificação profissional, ou seja, o pano de fundo sobre o qual se vai desdobrar uma série de atitudes e práticas refratárias ao trabalho feminino.

Diante do exposto acima, pretende-se discutir neste trabalho a seguinte questão: de que forma a trajetória histórica do feminismo e seus desdobramentos influenciam na opção das mulheres do século XXI por carreiras tradicionalmente masculinas? Este estudo tem a intenção de abordar a relação dos ideais feministas e a escolha das mulheres do século XXI por carreiras tradicionalmente definidas como masculinas, e verificar de que forma tais escolhas afetam as relações de trabalho na sociedade contemporânea, enfatizando as experiências femininas no curso de engenharia.

## 1 – DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

### 1.1 - A HISTÓRIA DO FEMINISMO NO BRASIL

A autora espanhola, Amalia Martín-Gamero (1975 apud HOLZMANN, 2000, p. 258-273), em seu livro ‘Antologia do Feminismo’, registra uma série de publicações sobre a mulher e destaca que desde o século XVI, existe uma série de abordagens sobre a “questão



feminina”. Dessa maneira, podemos dizer que os estudos e reflexões sobre a mulher não são recentes.

A trajetória das mulheres na história é tão antiga quanto a humanidade, já a história do feminismo é mais recente. O movimento em prol dos direitos das mulheres tem origem com o pensamento Iluminista dos séculos XVIII e XIX, e está relacionado às Revoluções Americana e Francesa e ao nascimento das Ciências Humanas (MACÊDO, 2003).

O feminismo enquanto definição é tomado como um “movimento social cuja finalidade é a equiparação dos sexos relativamente ao exercício dos direitos civis e políticos” (OLIVEIRA, 1996, p.424); uma estrutura básica de consciência (LAMAS, 1995) ou, ainda, como refere Pintassilgo (1981, p. 12),

[...] a denúncia e a luta contra as práticas sexistas [...] isto é, as atitudes, práticas, hábitos e, em muitos casos, a própria legislação, que fazem das pessoas pertencentes a um sexo, e só por esta razão, seres humanos inferiores nos seus direitos, na sua liberdade, no seu estatuto, na sua oportunidade relacional de intervenção na vida social.

Não há como deixar de mencionar uma importante obra publicada há meio século que foi pioneira e influenciou muitas gerações acadêmicas e de movimentos feministas. “O Segundo sexo” de Simone de Beauvoir (1980) denuncia as práticas sexistas examinando a condição feminina em todas as suas instâncias: sexual, psicológica, sócio-histórica e política.

Beauvoir (1980) ao discutir a caracterização e construção da identidade feminina coloca em xeque a categoria “outro sexo” como aquela que usualmente fora utilizada para caracterizar a mulher. A construção masculina da mulher enquanto o “outro” não lhe permitiu reivindicar sua identidade enquanto sujeito, porque não lhes foram oferecidos os meios concretos para tanto. Estas foram privadas dos meios de produção material para autonomia econômica frente aos homens, mas também de uma construção narrativa que lhe permitisse desenvolver seu futuro, presente, passado, história ou religião. A mulher, na perspectiva de Beauvoir (1980) não produziu enquanto protagonista nenhuma civilização. Isso a relegou ao papel de “segundo sexo” que só é aceito enquanto subordinado aos códigos de vida masculinos.

Esta conhecida obra e suas discussões estiveram e permanecem presentes em inúmeros desdobramentos do feminismo e da libertação feminina. O livro, embora coloque a opressão e subordinação como elementos forjadores da identidade não as condenam a serem questões intransponíveis. Ao contrário, Beauvoir (1980) destaca a liberdade dos homens e mulheres como algo essencial ao destino humano. Neste sentido, Beauvoir (1980) incita uma série de discussões e desdobramentos posteriores que foram fundamentais para a compreensão da condição feminina no mundo e no Brasil.

O movimento feminista no Brasil teve início no final do século XIX, com as lutas das mulheres pelo direito à educação e ao voto. O direito ao voto, importante passo para a posição cidadã, foi estendido às mulheres em quase todos os países ocidentais na primeira metade do século XX. No Brasil, as mulheres alcançaram esse direito a partir da Constituição de 1934.

Para Toscano e Goldenberg (1992), o movimento feminista brasileiro,

[...] se apresentou desde o seu início como um reflexo do que acontecia nas sociedades mais industrializadas da Europa e dos Estados Unidos, mas teve ao mesmo tempo, componentes que eram só nossos (TOSCANO E GOLDENBERG, 1992, p.25).



Tal movimento assumiu várias formas de luta, diversas bandeiras e diferentes facetas. Já foi sufragista, anarquista, socialista, comunista, burguês e reformista. Já lutou no Parlamento, nas ruas e nas casas para conquistar e garantir o acesso da mulher à educação formal. De acordo com Saffioti (1979), enquanto as mulheres europeias defendiam a cidadania com plenos direitos – trabalho, educação e voto – no Brasil, a instrução da mulher não chegava a representar uma preocupação social. No início do século XX, a quantidade de mulheres que tinham acesso à instrução e à educação era muito reduzida, o que, na época, segundo princípio de segregação sexual, eram dirigidas de modo diferenciado à parcela masculina da população. Somente em 1930, as mulheres brasileiras conquistaram o direito de frequentar o curso superior (MACÊDO, 2003).

Nesse sentido, Fonseca (1996) assinala as transformações nos padrões de comportamento e nos valores relativos ao papel social da mulher intensificado pelos movimentos feministas e pela presença cada vez maior da mulher nos espaços públicos. Também são considerados outros indicadores tais como: a crescente queda de fecundidade, a expansão da escolaridade e o acesso maciço das mulheres às universidades, como sendo fatores que têm influenciado incisivamente o aumento do ingresso feminino no mundo do trabalho.

De acordo com Birman (2008, [s.p.]), os desafios do feminismo na atualidade:

Ainda sustentados por organizações feministas, faz parte de um conjunto de novos desafios a demanda da representatividade das mulheres na sociedade política, na sociedade civil e no mercado de trabalho. Socialmente falando, é evidente que as mulheres ainda não conseguiram ultrapassar certos patamares. Há a queixa permanente no Brasil de que as mulheres não têm a mesma representação no plano das organizações políticas e, no mercado de trabalho, os mesmos salários que os homens. Há sempre uma defasagem em relação ao salário masculino, superior aos salários femininos mesmo que ambos exerçam as mesmas funções. Então, ainda existe um certo caminho a percorrer para que haja igualitarismo de gênero. Os preconceitos advindos da tradição patriarcal estão muito incorporados no imaginário social, no psiquismo das pessoas. Essa "superioridade" que é atribuída ao homem em relação às mulheres aparece em termos tanto da representação política quanto dos salários no mercado de trabalho.

Apesar de existirem mudanças favoráveis no mercado de trabalho em relação ao universo feminino, muitas desvantagens ainda pesam para que as mulheres continuem enfrentando grandes dificuldades não só para entrarem, mas também para permanecerem em cargos antes dominados pelo universo masculino.

Dentre essas desvantagens, encontram-se pressões das organizações contratantes que fazem cobranças para as mulheres não terem filhos ou não se casarem; muitas não oportunizam promoções dentro da empresa pelo mesmo motivo. Ou seja, o que acaba acontecendo em vários casos é uma tentativa de “masculinizar” a mulher que almeja alcançar carreiras que exigem esse modelo de comportamento, não respeitando a sua condição feminina.

## 1.2 - A INSERÇÃO E ASCENSÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

O mundo capitalista, por uma série de questões, levou as mulheres ao mercado de trabalho fora do lar. Foram dificuldades econômicas, a miséria e as Guerras Mundiais que empurraram as mulheres para as fábricas, onde receberam os piores trabalhos e os menores



salários e onde, conseqüentemente, vivenciaram situações de opressão e subalternidade. Assim sendo, Oliveira (1992, p.43) afirma que,

[...] ao dar origem a uma mão-de-obra feminina, a Revolução Industrial introduz uma primeira ruptura no paradigma da diferenciação de mundos, na medida em que separa a casa do lugar de trabalho e confronta homens e mulheres às mesmas máquinas, ritmos e exigências da produção fabril.

Em inúmeras pesquisas, Bruschini (1994) destaca o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho desde a década de 1970, chamando a atenção para a pluralização e a intensificação dessa participação principalmente no espaço urbano. De acordo com a autora, não foi somente a busca da complementação salarial em face da deterioração dos salários reais dos trabalhadores, mas também as expectativas de maior consumo que redefiniram o conceito de necessidade econômica. E isto impulsionou não apenas as mulheres pobres a ingressar no mercado de trabalho, como também as de classe média. Com novas necessidades nascidas pela diversificação das relações de consumo e premiadas pela necessidade de sustentar custos mais elevados com a educação e a saúde dos filhos e dos outros familiares, devido à precariedade dos sistemas públicos de atendimento, também as famílias das camadas médias não puderam mais dispensar o aporte econômico de suas mulheres.

No caso especificamente do Brasil, um fator importante dos anos 1970 que influenciou esse ingresso das mulheres, como bem ressalta Neves (2000), foi o crescimento do mercado de trabalho com a expansão da industrialização, a entrada acelerada de indústrias multinacionais na época do chamado “milagre brasileiro” e o próprio crescimento do parque industrial demandando mão-de-obra feminina em vários setores, notadamente têxtil, metal-mecânico e eletrônico.

A proporção da população feminina na faixa etária dos 15 aos 64 anos, integrada no mercado de trabalho em quase todos os países desenvolvidos, aumentou significativamente entre 1970 e 1990: nos Estados Unidos, de 48,9% para 69,1%; no Japão, de 55,4% para 61,8%; na Espanha, de 29,2% para 42,8% (CASTELLS, 1999, p. 274). No Brasil, essa proporção (mulheres com 10 anos e mais) era de 47,2% em 1997 (IBGE, 1999). A participação feminina entre a população economicamente ativa brasileira, que era de 14,6% em 1950, elevou-se para 20,9% em 1970, segundo os censos demográficos, alcançando 40,4% em 1997 (IBGE, 1999). Segundo dados do IBGE (2005, apud BRUSCHINI, 2007), no período de 1993 a 2005 no Brasil, o percentual de mulheres economicamente ativas aumentou de 47% para 53% e 40 entre 100 trabalhadores eram do sexo feminino nesta mesma data.

### 1.3 – A OPÇÃO POR CARREIRAS TRADICIONALMENTE MASCULINAS

As mulheres têm buscado cada vez mais as carreiras tradicionalmente consideradas masculinas, mas é notório que, além da necessidade de encontrar um espaço no mercado trabalho, também existem outros fatores que influenciam essa escolha.

De acordo com Vieira (2006), muitas das pesquisas realizadas nessa área evidenciam que as crenças e representações que os pais e mães têm sobre o que é feminino ou masculino, têm um papel determinante nas práticas educativas, influenciando assim, os comportamentos e as futuras escolhas e expectativas dessas mulheres.



Este tipo de influência familiar e de outros agentes educativos, representados por professores, meios de comunicação e colegas, acabam influenciando os interesses profissionais que são construídos ao longo da formação acadêmica dessas jovens.

De acordo com Santos (2011), os elementos acerca das opções profissionais escolhidas pelas mulheres são mediados pelas seguintes influências: família, retorno financeiro, relações sociais e interesse pessoal. Uma questão destacada pelas mulheres pesquisadas está associada a independência, fator que as motiva a combater a subordinação perante o gênero masculino. Para essas mulheres, o desempenho profissional está relacionado às competências individuais de cada pessoa, independente do sexo. A partir dessas alegações, conclui-se que elas acreditam que podem desempenhar profissões consideradas masculinas.

A tendência das mulheres em buscar profissões antes limitadas somente ao mundo masculino tem influenciado na adoção de políticas públicas que modificam esse cenário em um aspecto positivo no que se refere à ampliação de possibilidades no mercado de trabalho.

O Governo brasileiro recentemente lançou uma campanha chamada “Mulheres que inovam”, onde a Secretaria de Políticas para as Mulheres e o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome estão responsáveis por incentivar o público feminino, através do Pronatec (Programa Nacional de Acesso Técnico e Emprego), a buscar cursos de capacitação e qualificação profissional em setores de crescimento majoritariamente ocupados por homens, como a construção civil, a indústria e a informática (O GLOBO, 26/03/2013). Esse exemplo de política pública demonstra um esforço por parte do governo em criar um ambiente propício para o mundo feminino adentrar em áreas que antes só eram permitidas aos homens transitarem. Esta é uma das situações que podem influenciar a opção de mulheres ao escolherem carreiras tradicionalmente masculinas, visto que as necessidades econômicas e sociais hoje tendem a pesar também em suas escolhas.

#### 1.4 - A ESCOLHA FEMININA PELA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO NA ÁREA DE ENGENHARIA

As transformações culturais que ocorreram no final dos anos 60 e 70, fizeram com que as mulheres fossem para as universidades em busca de uma qualificação profissional (PAIVA et al, 2007). As mulheres vêm ampliando sua presença em áreas consideradas ‘guetos’ do gênero masculino, como a engenharia.

No Brasil, Bruschini (2007, p.9) afirma que: a expansão da escolaridade feminina é um dos fatores de maior impacto sobre o ingresso da mulher no mercado de trabalho. Para a autora, a escolha das carreiras universitárias, nas quais a presença da mulher vem se fazendo de forma mais abrangente, indicou elevados números de presença feminina em algumas delas, como a medicina, a arquitetura e até mesmo a engenharia, profissão tradicionalmente definida como masculina. Esta poderia ser considerada uma das fases do progresso alcançado pelas mulheres, no que tange à sua participação no mercado de trabalho.

Neste sentido, Carvalho (2007) afirma que, mesmo com as conquistas das mulheres no mercado de trabalho e a luta pela igualdade de direitos, a área de engenharia ainda constitui um dos últimos redutos em que a presença das mulheres representa uma minoria significativa. As mulheres encontram grandes dificuldades para a sua atuação e afirmação enquanto engenheiras. No entanto, de acordo com Lombardi (2004), houve um crescimento de mulheres na área de Engenharia Civil. Em 1990, o número de empregos foi de 26%, em 1995 de 36% e 34% em 2000. Na Engenharia de Eletricidade e Eletrônica passou de 7,5% para



11,7% e na Engenharia da Organização e Métodos passou de 2% para 12,9%. Tais índices representam uma maior abertura para as mulheres neste mercado.

Uma informação interessante diz respeito a participação feminina nas áreas de mecânica e metalurgia que não ultrapassou 5% em 2000, porém as engenheiras civis, agrônomas, de produção, eletricistas e eletrônicos no período tiveram maiores oportunidades de emprego.

Ainda segundo Lombardi (2004), no ano 2000, houve alguns setores mais permeáveis à presença das engenheiras, como a administração pública, defesa e seguridade social (25,8%); atividades imobiliárias, administração de aluguéis, consultoria e serviços prestados as empresas (18,8%), a indústria de transformação (17%), e construção civil (13,2%), confirmando que as engenheiras se inserem com mais facilidade na prestação de serviços, administração pública, espaços onde a mão de obra feminina é maior ou onde a presença das mulheres já existe há algum tempo (LOMBARDI, 2004). Merece ainda menção outros dados apresentados por Bruschini (2007): 17,4% das engenheiras atuam na prestação de serviços enquanto apenas 10,5% de homens estão nesse setor (BRUSCHINI, 2007).

Com relação à faixa de idade, constata-se que as engenheiras são mais jovens do que seus colegas de trabalho, pois ingressaram na profissão mais recente do que os homens. Verifica-se que 63% das engenheiras têm menos de 39 anos (BRUSCHINI, 2007).

Observa-se também uma diferença salarial relacionada à questão de gênero, pois 27% das engenheiras e 47% dos engenheiros ganhavam mais de 20 salários mínimos em 2000 e 21% dos engenheiros, mais de um terço das engenheiras ganhavam até 10 salários mínimos. Percebe-se que as engenheiras recebem salários inferiores aos dos homens (LOMBARDI, 2004).

Uma das dificuldades encontradas pelas engenheiras é assumir cargos de chefia. As possibilidades delas chegarem a postos de comando são inferiores a dos homens, pois dependem de um chefe 'homem', que confie nelas e lhes dêem uma chance. As mulheres também apresentam dificuldades para assumirem esses cargos por falta de disponibilidade de tempo e dedicação exigida por essas funções, pelo fato de terem que cuidar da família e filhos. As engenheiras também têm que provar competência profissional para se imporem perante os homens, muitas vezes existindo conflitos com engenheiros subordinados, caracterizando um conflito de gênero (LOMBARDI, 2006).

## 2 – METODOLOGIA

Pretendeu-se desenvolver uma pesquisa bibliográfica e empírica de orientação quantitativa, tendo como método de coleta de informações questionários, os quais foram respondidos por 41 estudantes dos variados cursos de Engenharia da Universidade Federal Fluminense em Volta Redonda. A partir do resultado obtido, buscou-se averiguar a influência do feminismo em suas escolhas por tal carreira, definida culturalmente como masculina.

De acordo com Richardson (1999, p. 70),

O método quantitativo, como o próprio nome indica, caracteriza-se pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples como percentual, média, desvio-padrão, às mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão etc.



### 3 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O material obtido a partir da pesquisa realizada no mês de maio de 2013 na Universidade Federal Fluminense, no campus localizado na cidade de Volta Redonda, Estado do Rio de Janeiro, permite realizar a análise acerca das questões levantadas nas seções anteriores.

Algumas informações levantadas com as estudantes no momento em que respondiam o questionário destacaram alguns fatores importantes em relação à presença cada vez maior de mulheres em um ambiente antes predominantemente masculino.

Aspectos relacionados à coordenação dos cursos de Engenharias foram apontados pelas estudantes, pois atualmente há apenas uma mulher coordenando o curso de Engenharia de Agronegócios. As demais coordenações dos cursos de Engenharia Mecânica, Produção e Metalúrgica são ocupados por homens. Também foram apontadas questões como o fato da maioria dos professores ser do sexo masculino, o que de certa forma mostra o domínio masculino sobre essa área.

Além dessas constatações, é importante a título de informação passada por uma das alunas entrevistadas da Universidade, que há um grupo de estudantes mulheres que se reúne pelo menos uma vez por mês para discutir questões relacionadas ao feminismo e a sua influência nas relações diárias no ambiente acadêmico. Isso demonstra que há um interesse do público feminino que frequenta os cursos de Engenharia da UFF em se informar e discutir temas relacionados aos dilemas por elas vivenciados nesse ambiente culturalmente masculino.

No quadro abaixo poderemos verificar os períodos e quantidade de alunas que responderam o questionário para a realização das análises dos gráficos que serão apresentados a seguir. Não foi possível levantar junto das coordenações o número de alunas regularmente matriculadas nos diferentes cursos e períodos.

**Tabela 1** – Cursos, períodos e quantidade de alunas pesquisadas.

Curso:	Período:	Quantidade
Engenharia de Produção	1	6
Engenharia de Produção	2	2
Engenharia de Produção	3	2
Engenharia de Produção	5	3
Engenharia de Produção	6	2
Engenharia de Produção	8	2
Engenharia Metalúrgica e de Materiais	3	1
Engenharia Mecânica	5	1
Engenharia Mecânica	10	1
Engenharia de Agronegócio	1	1
Engenharia de Agronegócio	2	2
Engenharia de Agronegócio	4	1
Engenharia de Agronegócio	7	1
Engenharia de Agronegócio	8	2

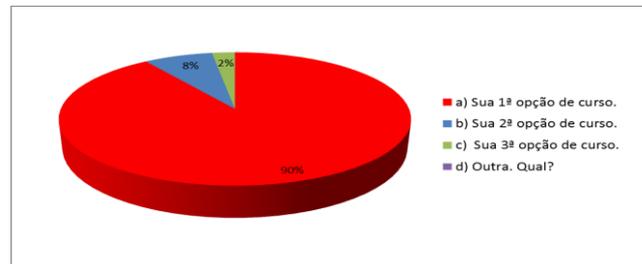
	<b>Gestão e Tecnologia para a Competitividade</b> <b>23.24.25 de Outubro de 2013</b>	
---	---	--

Engenharia de Agronegócio	9	2
Engenharia Metalúrgica	3	2
Engenharia Metalúrgica	5	4
Engenharia Metalúrgica	6	2
Engenharia Metalúrgica	7	3
Engenharia Metalúrgica	8	1
<b>Total</b>		<b>41</b>

Fonte: Dados coletados na pesquisa de campo (2013)

A primeira questão buscou levantar o posicionamento das alunas em relação a escolha por fazer o curso de engenharia. A maioria (90%) o escolheu como 1ª opção, caracterizando uma certeza no fato de optarem por seguirem essa carreira.

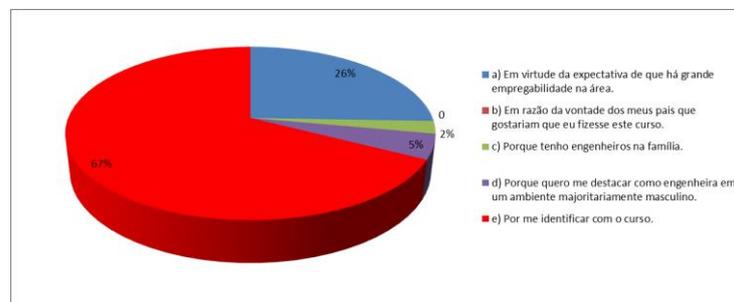
**Gráfico 1 – A Engenharia foi...?**



Fonte: Dados coletados na pesquisa de campo (2013)

Na segunda questão buscou-se analisar a visão que as alunas têm em relação a influência na escolha do curso, e o que apareceu de forma bem evidente é a identificação com o curso escolhido. Essa escolha mostra a relação de identificação (67%) das alunas com esse universo culturalmente masculino, e que é possível a inclusão em um universo cuja predominância histórica de um único gênero se fez presente. Um número bem menor, 26%, optou pela engenharia por acreditar que há uma grande chance de empregabilidade na área.

**Gráfico 2 – Por que você escolheu o curso de engenharia?**



Fonte: Dados coletados na pesquisa de campo (2013)

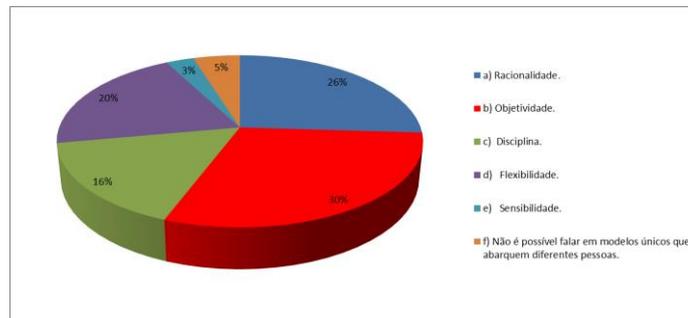
A terceira questão procurou levantar os principais atributos de um profissional da área de engenharia. As opções mais escolhidas foram, respectivamente, a objetividade (30%), a racionalidade (26%), a flexibilidade (20%) e a disciplina (16%). Por último, dentre as opções menos escolhidas estão a sensibilidade (3%) e a que diz não ser possível falar em modelos



únicos que abarquem diferentes pessoas (5%). É importante ressaltar que nesta pergunta as alunas podiam escolher até três atributos como resposta.

Como é possível observar, as alunas se identificam com características tradicionalmente associadas ao universo masculino, o que acaba reforçando algumas questões levantadas no artigo relacionadas às barreiras encontradas pelas mulheres ao passarem a fazer parte de um meio dominado por homens. Poucas alunas afirmam que não há modelos únicos capazes de definir pessoas, gêneros e grupos. É como se elas tivessem que ter ou desenvolver certos atributos que as permitissem estar inclusas em um dado contexto fortemente marcado pelos homens.

**Gráfico 3** – Em sua opinião, quais seriam os principais atributos de um engenheiro?

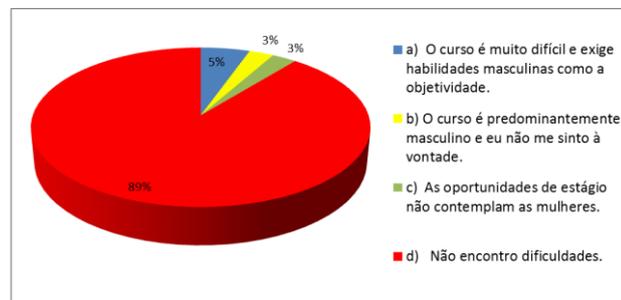


Fonte: Dados coletados na pesquisa de campo (2013)

A quarta questão procurou analisar as dificuldades de inclusão encontradas no curso de Engenharia. A maioria (89%) das alunas afirmou não encontrar dificuldades de inclusão no curso. Talvez, em virtude de muitas cursarem períodos iniciais, elas não têm noção das dificuldades relacionadas, por exemplo, a busca por estágio ou a inserção no mercado de trabalho.

As poucas entrevistadas que optaram pelas demais alternativas já percebem que as oportunidades não são as mesmas quando se fala de público feminino e masculino cursando Engenharia. É importante destacar que nos cursos de Engenharia de Agronegócios e de Produção se observa um número maior de mulheres, o que pode ter influenciado a resposta das entrevistadas.

**Gráfico 4** – Quais as maiores dificuldades de inclusão que você encontra no seu curso?



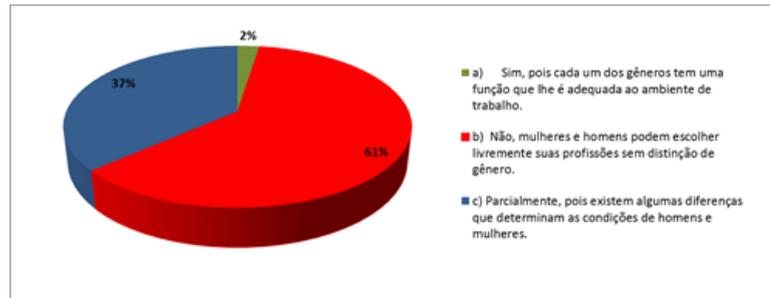
Fonte: Dados coletados na pesquisa de campo (2013)

A quinta questão procurou verificar se as alunas acreditam que existam profissões naturalmente femininas e masculinas. Uma quantidade expressiva de alunas (61%) respondeu que não acreditam na existência natural de profissões para homens e mulheres, mas uma parcela também significativa (37%) optou por pela categoria parcialmente, ou seja, ainda existem preconceitos e limitações que perpassam a questão da igualdade de condições



femininas e masculinas. Como é possível observar, um número considerável de entrevistadas demonstram ter uma orientação conservadora ao entenderem que as profissões estão naturalmente relacionadas aos gêneros.

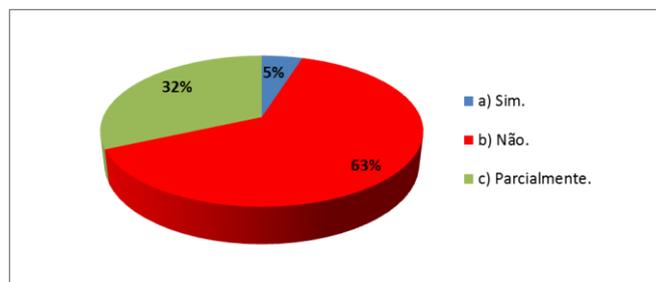
**Gráfico 5** – Em sua opinião, existem profissões naturalmente femininas e masculinas?



Fonte: Dados coletados na pesquisa de campo (2013)

A sexta questão procurou verificar se o feminismo influenciou de alguma maneira a escolha pelo curso de Engenharia. Esse gráfico sinaliza o ponto chave do artigo, pois a maioria das alunas (63%) não acredita na influência do feminismo em suas escolhas. É interessante observar este resultado, pois poucas delas afirmam ou sinalizam que o feminismo pode ter sido relevante para que mulheres como elas, pudessem escolher livremente suas profissões. Talvez isso esteja relacionado ao mundo acadêmico no qual estão inseridas, a pouca idade das jovens estudantes ou a ausência de experiências no campo profissional.

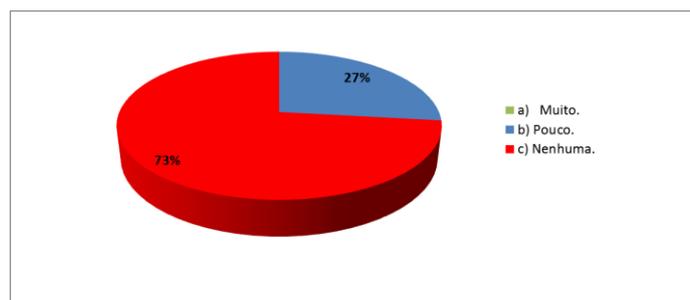
**Gráfico 6** – Você acha que o feminismo, ou a vontade de obter os mesmos direitos e benefícios que os homens, influenciaram, de alguma maneira, sua escolha pela engenharia?



Fonte: Dados coletados na pesquisa de campo (2013)

A questão sete procurou verificar de que maneira a sociedade interfere nas escolhas das jovens em busca do curso em uma universidade. Felizmente a maioria das entrevistadas (73%) não sofreu nenhuma pressão social negativa quando optou pela carreira de engenharia.

**Gráfico 7** - Você sentiu alguma pressão social negativa por parte da sociedade ao optar pela carreira de engenharia?



Fonte: Dados coletados na pesquisa de campo (2013)



A questão oito tratou do que as entrevistadas esperam do futuro na área de Engenharia. A maioria (85%) das respondentes pretende trabalhar em empresas e indústrias em sua área. Um pequeno número de mulheres (2%) prefere seguir a carreira acadêmica, usualmente definida como pertencente a um universo mais feminino. Algumas alunas ainda não se decidiram, o que se explica por estarem iniciando o curso e não terem noção da realidade profissional fora do meio estudantil. Estas respostas, de certa maneira, sinalizam um resultado positivo, já que muitas mulheres pretendem, no futuro, trabalhar em universos anteriormente culturalmente definidos como masculinos.

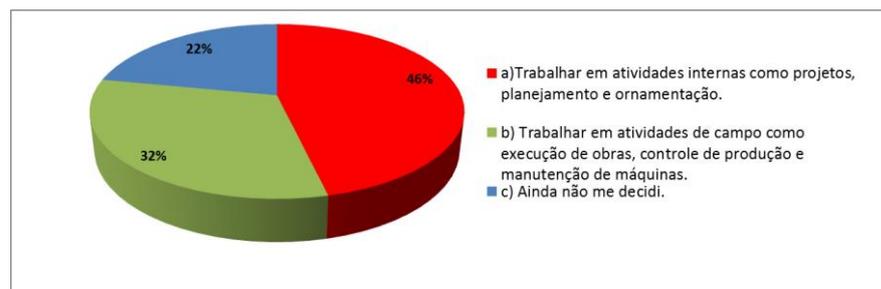
**Gráfico 8** - Ao se formar você pretende:



Fonte: Dados coletados na pesquisa de campo (2013)

A nona questão mostra a preferência das entrevistadas no que se refere ao tipo de trabalho desenvolvido. A maioria das entrevistadas (46%) pretende trabalhar em ambientes internos, voltados para projetos, planejamento e ornamentação. Culturalmente estas atividades são consideradas mais femininas do que tarefas desenvolvidas no campo, como execução de obras, controle de produção e manutenção de máquinas, que foram escolhidas por 32% das entrevistadas. Tais resultados podem sinalizar o desejo por parte destas mulheres de mudarem a visão de fragilidade feminina.

**Gráfico 9** - Caso você arrumasse um emprego em uma empresa, o que você priorizaria?



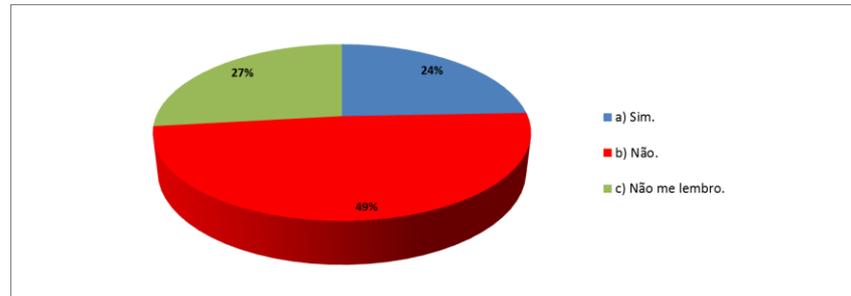
Fonte: Dados coletados na pesquisa de campo (2013)

A questão dez procurou levantar se as mulheres passaram por situações discriminatórias ou de preconceito. Felizmente a maioria (49%) não passou por nenhuma situação de tratamento desigual pelo fato de ser mulher, tanto no ambiente acadêmico quanto no profissional. Talvez isto seja resultado da inclusão histórica das mulheres no mercado de trabalho, nos cursos de Engenharia e em outras áreas antes dominadas por homens. Em contraposição, um número significativo de mulheres (24%) respondeu que sim. Embora exista uma melhoria no que diz respeito a inclusão feminina, ainda existem situações de preconceito em relação a mulher nesses ambientes.

As entrevistadas que escolheram a alternativa “não me lembro” (27%), podem ser alunas iniciantes nos cursos que ainda não tiveram vivência suficiente para analisar essas relações ou mulheres que tentam ocultar e até mesmo esquecer tais experiências.



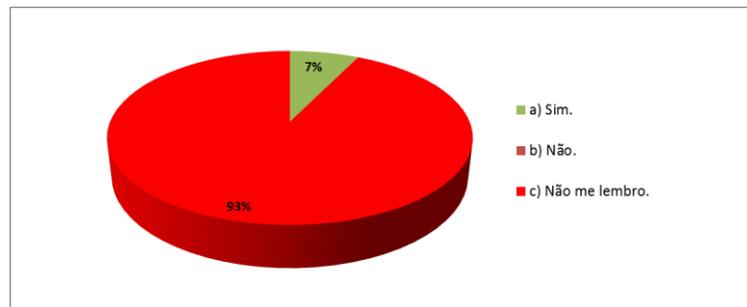
**Gráfico 10** - Você já enfrentou uma situação profissional e/ou acadêmica na qual o fato de ser mulher resultou em tratamento desigual para você ou sua atividade?



Fonte: Dados coletados na pesquisa de campo (2013)

Na questão onze, o resultado apresentado é bastante positivo, pois a grande maioria (93%) não se sente desconfortável em um ambiente majoritariamente formado por homens.

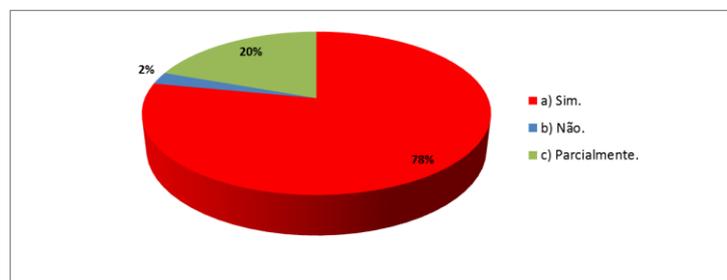
**Gráfico 11** - Você se sente ou já se sentiu desconfortável no ambiente da sala de aula em virtude de ser este majoritariamente formado por homens?



Fonte: Dados coletados na pesquisa de campo (2013)

A questão 12 procurou verificar se na opinião das entrevistadas as mulheres conseguem ter o mesmo êxito que os homens na profissão de Engenharia. A maioria das alunas entrevistadas (78%) acredita que sim, que as mulheres têm o mesmo sucesso que os homens engenheiros. Talvez, por não terem experiências reais de trabalho nessa área da Engenharia, elas não saibam de fato quais são as limitações e dificuldades vivenciadas pelas mulheres no mercado de trabalho.

**Gráfico 12** - A mulher e o êxito na carreira de engenharia.



Fonte: Dados coletados na pesquisa de campo (2013)

Na questão treze, procurou-se levantar a inserção das mulheres no ramo da Engenharia. Os resultados apontam que metade das alunas entrevistadas (50%) já perceberam que atualmente o mercado de trabalho está mais aquecido e com muitas oportunidades, principalmente na área que estão estudando. 33%, não sabem dizer, talvez por serem



iniciantes no curso. 13% percebem esse movimento de forma lenta e gradual, o que está ligado provavelmente àquelas alunas que estão nos períodos finais do curso, que olham o avanço e inclusão femininos de maneira mais consciente. 4% possuem uma visão mais crítica e afirmam que ainda é muito difícil para as mulheres se manterem nessa área, onde a discriminação ainda se faz presente nas diferentes relações.

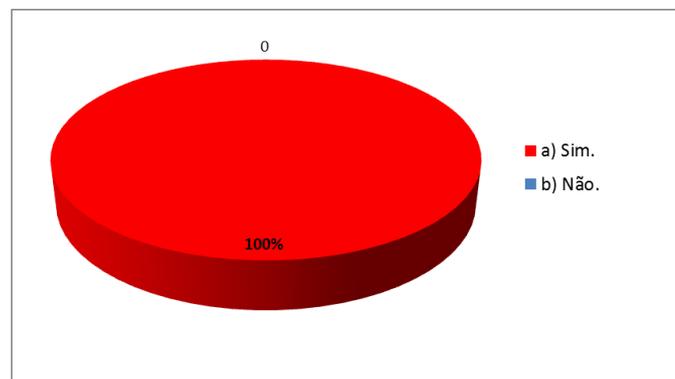
**Gráfico 13** - A inserção do trabalho feminino no ramo da engenharia.



Fonte: Dados coletados na pesquisa de campo (2013)

A questão 14 procurou verificar se o curso de Engenharia continua sendo o curso de preferência das alunas. De maneira bastante positiva os resultados apontam que a totalidade delas têm certeza do curso que se propuseram a fazer. De maneira análoga, podemos dizer que provavelmente os aspectos positivos de fazer o curso de Engenharia superam as dificuldades e limitações apresentadas por ele.

**Gráfico 14** -Engenharia continua sendo seu curso de preferência?



Fonte: Dados coletados na pesquisa de campo (2013)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente artigo foi identificar se o movimento feminista das últimas décadas teve um papel importante na opção das mulheres por carreiras culturalmente vistas como masculinas.

Para o desenvolvimento de tal questão, fez-se necessário investigar o crescente ingresso das mulheres no mercado de trabalho, em carreiras tradicionalmente definidas como masculinas, como por exemplo, a Engenharia. Diante dessa questão, analisou-se uma bibliografia relevante no campo dos estudos relacionados a mulher, seu posicionamento acadêmico e no mercado de trabalho, com o intuito de formular um modelo teórico consistente.



As pesquisas teóricas apontam para inúmeras desigualdades e diferenças entre a atuação de homens e mulheres no mercado. Como foi possível observar, embora possam ter escolaridade maior do que os homens, nem sempre elas recebem salários iguais ou maiores do que os deles.

Os resultados de nosso levantamento empírico foram mais positivos. A partir de informações coletadas na pesquisa, os gráficos apresentados mostram que as mulheres que estão ingressando na universidade para frequentar o curso de Engenharia, estão voltadas ao comprometimento com a profissão que futuramente irão exercer e que o fato dessa área ser ainda predominantemente masculina não as impede de seguirem com seus estudos.

Os resultados analisados demonstram que parte das entrevistadas tem consciência das dificuldades que possivelmente irão enfrentar no âmbito profissional, devido a algumas situações vivenciadas ainda no meio acadêmico, mas isso não as afeta nesse movimento cada vez maior de procura por carreiras tradicionalmente masculinas.

Enfim, deve-se destacar que o trabalho investigativo não se encerra neste artigo, mas que novas pesquisas deverão ser desenvolvidas para um melhor aprofundamento e complementação do tema proposto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BEAUVOIR, Simone.** O segundo sexo. 4ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

**BIRMAN, Joel.** O feminismo quarenta anos depois. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Disponível em: <http://www.olharvirtual.ufrj.br>. Acesso em: 20/05/2012.

**BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha.** Mulher e trabalho: engenheiras, enfermeiras e professoras. Cadernos de Pesquisa, n.27, p.5-17, dez.1978.

\_\_\_\_\_. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. São Paulo, abril, 2007. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/seminario/BRUSCHINI.pdf>. Acesso em: 21/05/2012.

**CARVALHO, Marília Gomes.** Gênero e Tecnologia: estudantes de engenharia e o mercado de trabalho. In: Seminário Internacional Mercado de Trabalho e Gênero: comparações Brasil - França, 2007, São Paulo e Rio de Janeiro. Anais do Seminário Internacional Mercado de Trabalho e Gênero: comparações Brasil - França. São Paulo: FCC, 2007. v. 1. p. 1-12. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar>

**CASTELLS, Manuel.** A sociedade em rede. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

**FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpada.** Mulher e Cidadania na Nova Ordem Social. Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero. São Paulo: (NEMGE/USP), 1996.

**HOLZMANN, Lorena.** Notas sobre as condições da mão-de-obra feminina frente às inovações tecnológicas. Sociologias, Porto Alegre, ano 2, nº4, jul/dez 2000, p. 258-273.

**IBGE/PNAD.** Síntese de indicadores sociais. Rio de Janeiro, 1999.

**LAMAS, Rosemarie Wank Nolasco.** Mulheres para Além do seu Tempo. São Paulo: Bertrand, 1995.

**LOMBARDI, Maria Rosa.** Perseverança e resistência: a engenharia como profissão feminina. Campinas, 2005. Tese (dout.) Unicamp/Faculdade de Educação. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 127, jan./abr. 2006, 30 p.

**MACÊDO, Goiacira Nascimento Segurado.** A construção da relação de gênero no discurso de homens e mulheres, dentro do contexto organizacional. 181 f. Monografia – (Graduação em Psicologia) - Universidade Católica de Goiás, 2003.

**NEVES, Magda A.** Reestruturação Produtiva, Qualificação e Relações de Gênero. In: ROCHA, Maria Isabel B. Trabalho e Gênero: mudanças permanências e desafios. São Paulo: Ed. 34, 2000.

**OLIVEIRA, A.** Feminismo. Enciclopédia Luso-Brasileira. Lisboa: Verbo, 1996.



**PAIVA, K. C. M, et al.** O Trabalho na Sociedade Contemporânea: inserção e ascensão da mulher no mercado de trabalho. Belo Horizonte: Faculdade Novos Horizontes, 2007. Disponível em <[www.crea-mg.org.br](http://www.crea-mg.org.br)>. Acesso em: 20/05/2012.

**PINTASSILGO, Maria de Lourdes.** 1981. In: Feminismo e Discurso do Gênero na Psicologia Social. NOGUEIRA, Conceição. Psicologia & Sociedade. São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO. Vol. 13, n. 01, Jan/jun 2001.

**RICHARDSON, Roberto Jarry (org.)**. Pesquisa Social: Métodos e Técnicas. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

**SAFFIOTI, Heleieth.** Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade. 2ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1979.

**SANTOS, Geórgia Neuza.** Cresce número de mulheres em profissões masculinas. 2011. Disponível em: [www.palhocense.com.br/on-line/geral/cresce-numero-de-mulheres-em-profiss-es-masculinas-1.1104622](http://www.palhocense.com.br/on-line/geral/cresce-numero-de-mulheres-em-profiss-es-masculinas-1.1104622). Acesso em: 18/04/2013.

**TOSCANO, Moema e GOLDENBERG, Mirian.** A Revolução das Mulheres. Um balanço crítico do feminismo no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 1992.